

**“Os projetos que a Cáritas fez ou está fazendo, para mim, são filhos”:** engajamento e memória na narrativa de um membro da elite católica

“The projects that Caritas has done or is doing, for me, are children”: engagement and memory in the narrative of a member of the Catholic elite

*Paulo César Limongi de Lima Filho\**

Resumo

Este texto tem como objetivo interpretar o engajamento do diretor executivo da Cáritas do Rio de Janeiro por meio de sua narrativa autobiográfica, descortinando os aspectos que conectam sua história de vida a história da própria instituição. Para isso, analisamos sua história à luz de conceitos como memória social, engajamento social e história de vida. Em nossa pesquisa empírica, completamos cerca de 20 entrevistas as quais buscaram reconstruir a história de vida do personagem. Por fim, comparamos sua trajetória de vida com os objetivos e funções da própria Cáritas, contida em alguns manuais que serão apresentados ao longo do texto. Como resultados, encontramos um forte engajamento entre biografado e instituição a qual se traduziu como uma espécie de relação de parentesco metafórica.

Palavras-chave: Religião; Memória social; Narrativa; Autobiografia; Engajamento.

Abstract

This text aims to interpret the engagement of the executive director of Caritas through his autobiographical narrative, revealing the aspects that connect his life history the history of the institution itself. To do this, we analyse its history in the light of concepts such as social memory, social engagement and life history. In our empirical research, we completed about 20 interviews that sought to reconstruct the character's life story. Finally, we compared its life trajectory with the objectives and functions of Caritas itself, contained in some manuals that will be presented throughout the text. As results, we found a strong engagement between biographer and institution, which was translated as a kind of relationship of metaphorical kinship.

Keywords: Religion; Social memory; Narrative; Autobiography; Engagement.

---

\* É mestre em sociologia e doutorando em sociologia pelo PPGS do IESP-UERJ. É bolsista CAPES de PROEX. Atua nos grupos CRELIG e NETSAL. E-mail: [paulocldelima@iesp.uerj.br](mailto:paulocldelima@iesp.uerj.br).

## Introdução

O objetivo deste texto é compreender como o engajamento de um membro da elite católica, o diretor executivo, Cândido Feliciano da Ponte Neto, é descrito em sua narrativa biográfica e quais as formas com que esta descrição demonstra o engajamento que ele obteve com a instituição a qual trabalha (Cáritas Arquidiocesana do Rio de Janeiro). Para isso, faremos um aprofundamento em conceitos apresentados tais como engajamento, história de vida, individuação; depois disso, buscaremos na narrativa de Cândido Neto quais são os momentos base para sua trajetória; e, por último, tentaremos mostrar como essa narrativa se aproxima das descrições do papel da Cáritas no mundo apresentada por alguns manuais da própria instituição como o “Amor que liberta” (2003) e “Cáritas na promoção da solidariedade” (2005). Para começar é preciso dizer que essas narrativas foram obtidas por meio de entrevistas semiestruturadas

É preciso ter em mente que ao formular a seção de roteiros para as entrevistas, acreditávamos que o Estado tinha um papel tão importante ou mais importante que a Igreja católica na formulação de “ações de defesa dos direitos humanos da Cáritas”. Isto mostrou-se equivocado quando buscamos compreender a trajetória do biografado à luz de outras referências da época, pois a Cáritas, como a conhecemos, é fruto de um momento atravessado pela Igreja em conjunto com uma reformulação geral da sociedade brasileira. Neste sentido, a teoria da individuação,<sup>1</sup> ao propor compreender acontecimentos individuais conectados às mudanças de arranjos sociais, foi de grande relevância para compreender a forma com que determinados momentos de algumas das configurações da vida de Cândido Neto produziram um tipo específico de trajetória individual (Henry, 2010; Arfuch, 2010).

Para além dessas correspondências, a trajetória de vida também possui outra característica fundamental que é a oralidade; e por esta característica, na maioria dos casos, sua produção enquanto pesquisa é inédita (Portelli, 2016, p. 9-10). Por consequência, essa nova fonte permite estabelecer conexões entre eventos públicos e biografia individual. A partir dessas novas ligações, é possível complementar a história pública (no sentido de história conhecida). Mostraremos que os indivíduos inscritos em movimentos de base podem flutuar para cargos mais elevados dentro da hierarquia dos “laicatos”.<sup>2</sup>

Contudo, tentaremos nos concentrar na forma com que Cândido Neto constrói a narrativa de sua trajetória e a sua autoimagem. De acordo com Arfuch (2010,

p. 112), os relatos de história de vida conectam o tempo histórico “público” com as experiências no âmbito da vida privada; portanto, para essa explicação, a memória individual é fruto de uma interpretação pessoal de determinados eventos históricos macro e públicos (Assis, 2008; Portelli, 2016). Esta interação, por sua vez, não é feita de modo aleatório. Ao fornecer seus relatos de vida, os atores possuem, para si mesmos, um valor, certa ética, que guia diversas formas de compreensão de si mesmos, usando o termo de Arfuch poderíamos chamá-lo de valor biográfico (Arfuch, 2010, p. 121). No caso de Cândido, poderíamos dizer que existe um certo valor “de luta pela dignidade humana” que, segundo ele, guia sua história promovendo ora esquecimentos, ora lembranças.

Portanto, a partir desses valores biográficos, os indivíduos promovem uma constante “privatização” de determinados acontecimentos públicos, ou seja, existe uma economia de experiências dos eventos “maiores” que moldam a individualidade. No caso de Cândido, um dos grandes eventos públicos foi o golpe de 1964 e a repressão instalada pelo regime militar sobre os quais o pesquisado destacou determinadas formas de violência psicológica. Tais agressões geram tensões as quais atravessam a narrativa do biografado (Arfuch, 2010, p. 121-122). Esta tensão desdobra-se de dois modos: (a) a tensão em relação a produção do *Eu* como *Outro* criado naquele momento de entrevista; (b) a tensão que ocorre pelo fato da entrevista ser dada para um outro que pode usar desses relatos para realizar interpretações próprias. Em nosso relato, essa segunda opção não parece ter preocupado Cândido Neto (apenas no início com as dúvidas sobre a pesquisa); porém, a segunda (formulação do eu como outro) pareceu representar uma certa dificuldade.

Destarte, nosso interesse primordial neste texto é compreender as estratégias de narração, as categorias construídas com intuito de compreender determinadas dimensões do engajamento de Cândido Neto para com a instituição (Cáritas).

### **A história de Cândido Neto e suas conexões com a Igreja católica**

Em 1948, Cândido nasce no seio de uma família católica e de comerciantes, em uma cidade do Piauí, Parnaíba. Seu avô paterno era dono de um pequeno gado e sua avó era professora no Ceará. Por isso, de acordo com ele, sua família recebeu uma educação de qualidade, criando-se uma tradição de “apreço”<sup>3</sup> pela educação.

Um outro “apreço” desenvolvido pela família do biografado, foi a religiosidade. Desde sua infância, estudou em colégios católicos ligados à diocese de Parnaíba; porém, para além de sua educação estar conectada à religião, ele também passou a ingressar no universo dos espaços religiosos e ter mais contato com os padres de sua região.

Em um dos episódios narrados por ele, durante uma “novena”, um dos padres o chamou para ajudar na celebração da missa. Segundo ele, embora a “liturgia” fosse diferente da atual, obteve êxito em compreender as práticas e técnicas de celebração da missa e, desse modo, foi escolhido auxiliar do padre (“coroinha”).

Eu vi que minha mãe ficou muito contente com isso, sabe, e aí eu estou aí, padre me chamou e eu aprendi com pouco tempo responder à missa em Latim, que até hoje me lembro bons pedaços, a liturgia era toda outra, na missa o padre falava em latim, de costas pro povo [...] O padre dizia que eu pronunciava bem, obviamente sabia o que estava falando, né, decorado, mas ele achava que eu pronunciava bem dentre os concorrentes, e aprendi a liturgia, os ritos, né, como fazer (Neto, 2018, p. 38).

Já no ginásio, Cândido começou a fazer parte do grêmio estudantil e, logo após, foi eleito o presidente da instituição. Este envolvimento com movimento estudantil, levou-o a participar da União dos Estudantes Secundaristas de Parnaíba (UESP). Foi na UESP que aprofundou ainda mais os debates sobre as questões humanitárias, isto porque, segundo Cândido, teve acesso a leituras que davam possibilidade de uma reflexão mais apurada e contextualizada – tais como “A geografia da fome” de Josué de Castro. Além dessas leituras críticas, a UESP também assinava um jornal católico de cunho socialistas, o chamado *Brasil, Urgente*. O periódico apresentava a importância da reforma agrária e da participação de empregados nos lucros da empresa

CREMOS na igualdade fundamental dos homens e dos povos, condenando qualquer espécie de exploração do homem pelo homem, e todos os imperialismos, violentos ou disfarçados. CREMOS que os trabalhadores das cidades e dos campos, têm o direito e o dever de participar na vida das empresas, nos seus lucros, na sua administração e na sua propriedade. Devem ainda estar presentes e atuantes nos organismos nacionais e internacionais, responsáveis pela Política e pela Economia dos povos (Silva, 1963, p. 9).

Foi justamente no momento de maior contato com essas leituras supostamente críticas do *status quo* que ele ocupa seu primeiro emprego dentro da Cáritas, aos 16 anos. Cândido foi convidado para compor o setor de relações públicas, anunciando alguns programas novos da Cáritas. Depois de dois meses como funcionário, a freira responsável pela organização em Parnaíba, teve de deixar o cargo pois estava enferma. Assim, ele foi responsável por assumir o cargo de presidente administrativo da Cáritas de Parnaíba. Ainda neste mesmo ano, em 1964, o jovem Cândido assume a liderança da UESP. Portanto, notamos como ele se torna uma liderança dentro da rede de relações locais.

No que se refere a esta instituição católica, é preciso estar atento ao fato de que existem diversas Cáritas que formam um sistema complexo, atendendo até mesmo questões de nível internacional. Para dissertar um pouco mais sobre esta gama de instituições, usaremos os relatórios anuais da própria instituição (2018)<sup>4</sup> e o estatuto da Cáritas reconhecido pelo estado brasileiro (2016).<sup>5</sup> De acordo com este último documento, a Cáritas Brasileira (CB) é um conjunto de instituições ligadas à CNBB, sem fins lucrativos, fundada em 1956 e registrada em 1966 (Estatuto CB, 2016). Neste sentido, é válido ressaltar que, embora mantenha conexão com a CNBB, a Cáritas é independente (Cf Artigo 24) – a CB é parte da *Caritas Internationalis*, ainda que mantenha articulações com esta entidade, segue autônoma em âmbito local (Cf artigo 25).

Já em relação à estrutura da CB, temos (Estatuto CB, 2016, p. 3): (a) a Assembleia Geral, (b) a Diretoria; (c) o Conselho Fiscal; (d) o Conselho Consultivo; (e) o Secretariado Nacional. A Assembleia Geral é o órgão da CB que inclui todos os membros (Cáritas locais) e um membro da diretoria geral. Este órgão tem como função criar novas Cáritas, definir linhas de atuação, eleger membros para outros órgãos. A Diretoria, por sua vez, é o órgão executivo responsável por organizar as atividades desenvolvidas a partir das linhas gerais estabelecidas na Assembleia Geral. O Conselho fiscal examina a aplicação de recursos da instituição e faz a contabilidade; o Conselho Consultivo, por outro lado, é responsável por fiscalizar a aplicação das linhas gerais e os programas da CB. Por último, o Secretariado Nacional tem como função realizar a administração burocrática da instituição.

Esta estrutura corresponde a CB geral; porém, existem diversas Cáritas no Brasil (que correspondem aos membros da Assembleia Geral). Segundo relatório anual, existem aproximadamente 186 Cáritas, concentradas em 17 Secretarias

Locais e 1 Secretária Geral. A figura 3 dá o nome dessas secretarias e a figura 4 distribui essas secretarias no território brasileiro.

Figura 1: Secretarias da Cáritas Brasileira

Secretarias Nacionais da CB	
1) Secretaria nacional (Brasília)	10) Regional São Paulo
2) Regional Norte 2	11) Regional Paraná
3) Regional Nordeste 2	12) Regional Santa Catarina
4) Regional Nordeste 3	13) Regional Rio Grande do Sul
5) Regional Ceará	14) Articulação Norte 1
6) Regional Maranhão	15) Articulação Norte 3
7) Regional Piauí	16) Articulação Noroeste
8) Regional Espírito Santo	17) Articulação Centro-Oeste
9) Regional Minas Gerais	18) Articulação Rio de Janeiro

Fonte: Relatório Anual da CB, 2018.

Figura 2: Distribuição territorial das secretarias



Fonte: Relatório Anual da CB, 2018.

Algumas secretarias e Cáritas locais têm mais propensão a um tipo específico de atividade, devido a inserção territorial — as Cáritas do Nordeste, por exemplo, têm um papel de grande relevância no programa de “convivência com biomas” que auxilia famílias a conviverem com ecossistemas brasileiros. Todavia, a maioria desempenha diversas funções e programas. De acordo com relatório, os programas se resumem em: (a) Economia Popular Solidária; (b) Infância, Adolescência e Juventudes; (c) Convivência com Biomas; (d) Migração e Refúgio; (e) Meio ambiente, Gestão de Riscos e Emergências; (f) Áreas temáticas. Essa última se divide em: (a) voluntário; (b) formação; (c) segurança alimentar e nutricional; (d) mundo urbano; (e) povos e comunidades tradicionais; (f) gestão de resíduos sólidos com ênfase em catadores; (g) mulheres e equidade de gênero.

Retomando a narrativa do biografado, se até abril de 1964, Cândido Neto havia chegado a ocupar distintas posições de destaque dentro das diversas redes nas quais fazia parte, o golpe civil-militar<sup>6</sup> encerraria parte dessa ascensão. Na manhã do dia 31 de março “havam entrado na UESP [...] estava tudo lacrado” (Neto, 2018, p. 5). Em dois dias, recebeu um recado de um colega de seu pai de que deveria comparecer ao “tiro de guerra”. O “tiro de guerra” era um local em Parnaíba onde funcionava a gestão militar de Piauí, era o comando do exército na região. A grande questão para os militares, em relação a Cândido, era a assinatura do Brasil Urgente, considerado como “jornal comunista”. Para ajudá-lo com essa contenda com os militares, o biografado necessitou de um auxílio de um dos amigos de seu pai que assumiu, frente às autoridades, a responsabilidade por ele.

Segundo Cândido, ele não sabia exatamente o que estava acontecendo, o que é compreensível visto que a informação não circulava com a mesma rapidez que os eventos ocorriam. Após uma conversa entre o amigo de seu pai e os militares, ele pôde retornar à sua casa. No carro, foi advertido a mudar seu comportamento a se afastar, “evitar reuniões”; somente assim, segundo ele, pôde compreender qual era o momento histórico o qual o país atravessava – “aí foi que eu fui aprender com ele o que estava acontecendo no Brasil mesmo, no fundo a ditadura [...] Depois disso, muitos companheiros foram presos, mas ninguém da UESP, afinal ‘nós que éramos todos (garotos)’” (Neto, 2018, p. 6).

Em 1965, Cândido estava isolado em sua cidade, muitos dos seus amigos haviam se mudado e ele próprio fora desligado do movimento estudantil devido a

repressão do Estado. Ademais, Parnaíba não oferecia chances para que ele cursasse o ensino superior. Assim, tomou a decisão de se mudar para Fortaleza, pois lá lhe guardava muitas esperanças. Contudo, uma das grandes dificuldades era “se manter” (financeiramente) na capital do Estado vizinho. Em uma das viagens ao Ceará, que fazia para comprar tecidos para loja de seu pai, entrou em contato com a Cáritas local e conseguiu arranjar um emprego. Desse modo, convenceu seus familiares e se mudou para Fortaleza onde terminou seu ensino médio e ingressou na primeira turma de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Ceará (UFC), em 1966.

Durante sua estadia em Fortaleza sofreu abusos psicológicos e físicos decorrente ao regime militar, e ao longo deste breve relato, pôde-se observar que não houve ajuda por parte da Igreja em relação a estas situações: “na residência, duas ou três vezes por noite, éramos acordados pela força de segurança atrás de panfletos, armas, seja o que fosse, ou até identificação de quem era quem” (Neto, 2018, p. 7).

No ensino superior, Cândido, vivendo no alojamento estudantil, voltou a ter contato, mesmo que indireto, com o movimento estudantil e com a repressão por partes das forças do governo. A contenção ao movimento estudantil, em Fortaleza, não era apenas de cunho físico (tortura ou morte), mas também combinava aspectos de cunho psicológicos como ameaças e vigilância. Em um dos relatos já apresentado de Cândido dissertou sobre as dificuldades de se manter na residência estudantil e nas dificuldades com a vigilância por parte de autoridades do governo

O ambiente em Fortaleza, tornou a imigração algo desejável para Cândido. Para seu alívio, foi chamado para integrar o quadro de funcionários na Cáritas do Rio de Janeiro, devido ao fato de que, segundo ele, “tinha a visão da organização, questão da gestão, e tinha conhecimento do sistema de organização da Cáritas” (Neto, 2018, p. 11). É interessante notar que mesmo após aceitar o convite, ainda devido a aquele ambiente de desconfiança, sentiu a necessidade de justificar seu egresso para o Rio de Janeiro (Neto, 2018, p. 12).

No dia seguinte de sua chegada ao Rio de Janeiro, foi direto à Cáritas, na Glória, onde começou o novo emprego. Ao começar sua nova função, encontrou um problema “de honestidade” (termo usado para se referir a um problema de corrupção) que, segundo ele, a princípio, teria o motivado a deixar a instituição. Logo após a descoberta, Cândido Neto comunicou sua decisão aos seus superiores



os quais pediram para que ele retornasse no dia seguinte. Quando retornou à Cáritas no dia subsequente, como combinado, foi nomeado diretor executivo, no início do ano de 1970, mantendo-se nesse cargo até a data de elaboração desse texto (2020). Essa nova função, chave na Igreja católica, lhe permitiu retomar seu trabalho com menos impedimentos do que em Fortaleza.<sup>7</sup>

### **Eixos estruturais da narrativa biográfica**

No início de nossas entrevistas, Cândido Neto começou a narrativa de sua trajetória descrevendo suas relações familiares, ressaltando as de cunho patrilineares. Sobre estas relações, o entrevistado também destaca as profissões de seus parentes – principalmente, a de sua avó (professora) e de seu pai (vendedor e dono de uma loja de tecidos); por último, nesta pequena abertura de sua biografia, Cândido Neto também destaca o local desses acontecimentos (Ceará).

Minha mãe era paraense, de Santarém, mas com os pais cearenses, de Santana do Acaraú, e meu pai era cearense, de uma família pobre. Meu pai trabalhava na loja de tecidos, vendedor, e que depois conseguiu, com a garra que ele tinha, ir montar uma loja de tecidos, pequena, mas suficiente para nos manter. Minha avó teve vinte e um filhos. Dezoito cresceram e ficaram, é, perdeu só três. Minha avó foi professora de todos eles, existia uma sala de aula na casa dela, lá na casa dos meus avós, é, na localidade de (inaudível) que não sei nem se existe hoje mais. E ela ensinou meu pai, fundamentalmente, estudou só com minha avó, escrevia muito bem, fazia contas de forma extraordinária, e tinha muita preocupação com a educação em razão da minha avó ter sido professora. Então nós tivemos a sorte de ter estudado desde o começo na cidade com professores, é, muito bons (Neto, 2018, p. 84).

Portanto, essa referência ao contexto familiar tem grande importância, uma vez que são relações que dão sentido a determinadas particularidades de sua vida como o “apreço pela educação” que é uma das bases que guiarão a trajetória de sua vida.<sup>8</sup> Nesse sentido, é relevante frisar que embora a educação tivesse sido uma temática de grande relevância no quesito de política pública do município de Parnaíba, o entrevistado associa também esse aspecto à família. Outro evento basilar da trajetória, no qual sua família teve uma participação relevante, é a sua introdução na Igreja católica.

Quando criança, por influência de sua família católica, começou a participar de alguns eventos da Igreja de sua cidade; e, durante uma “novena” (uma oração

em grupo que acontece por nove dias), o padre o chamou para auxiliá-lo na missa.<sup>9</sup> A partir disto, ele foi escolhido para ser “coroinha” (auxiliar do padre), devido, segundo ele, a sua habilidade de pronunciar determinadas palavras em latim.

Desse modo, é possível observar que a família desempenha um papel de destaque em acontecimentos da vida religiosa e educacional. De acordo com Eisenstadt (1976, p. 31), é comum que ao crescer os jovens rompam suas relações familiares e outras relações como de amizade ou de cunho profissional passem a ocupar maior destaque na vida do indivíduo. Na evolução de seus depoimentos, Cândido Neto passa a priorizar o movimento estudantil, atividades escolares, reflexões, segundo ele, “críticas” para com a realidade e o desenvolvimento de atividades na Cáritas.<sup>10</sup>

Portanto, naquele momento, os dois grandes eixos estruturais da narrativa passam a ser: educação e religião. No quesito da educação, Cândido Neto engloba as relações com seus companheiros da UESP, quando adquiriu parte de sua “sensibilidade social” a partir dos debates e por meio de livros como a “geografia da fome” de Josué de Castro, por exemplo. Sobre o eixo religioso da sua narrativa, a Igreja passa a simbolizar como um ambiente profissional, quando ele ocupa seu primeiro cargo na Cáritas. Nesta narrativa, o golpe de 1964 alterou a forma com que esses dois eixos se apresentavam, uma vez que a UESP foi desligada pelos militares e a participação dele no movimento estudantil foi interrompida. Apesar deste acontecimento, mudou-se para Fortaleza e deu prosseguimento a seus estudos, ingressando no curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará.

Neste instante de sua narrativa, Cândido Neto revela que passou a se concentrar ainda mais no seu emprego na Cáritas, justamente pelos acontecimentos que se desdobraram com o golpe.<sup>11</sup> Conforme Motta (2014), a partir de ondas de expurgos, os militares passaram a atacar diretamente professores e estudantes que tivessem ligações com qualquer movimento de oposição. Cândido Neto traduz isso em uma constante vigilância em relação aos seus colegas que coabitavam a residência estudantil o que tornou o ambiente universitário, para ele, insuportável em Fortaleza. Em uma de suas falas, ele associa a constante sentinela por parte do governo com seu trabalho o qual era sua forma de sustentar na universidade.

É, o fato de eu sempre trabalhar na Cáritas, já trabalhar na Cáritas, a sensação que eu tinha era de que eu já estava ali aplicando aquilo que eu estava lendo, eu estava aprendendo com os professores que

eu estava lendo, que eu estava estudando [...] Eu me liguei muito, e era uma equipe até disciplinar na Cáritas, lá em fortaleza, com serviço social. Então, lá em fortaleza tive a oportunidade de ter uma relação muito próxima porque eu trabalhava junto com assistentes sociais de excelente nível intelectual também, Luiza Coutinho, Isaura Cabral, depois aqui no Rio com assistentes sociais, Medeiros, Balbina, Antonio Vieira, mais com o grupo do serviço social (Neto, 2018, p. 91).

Este ambiente na Universidade de Fortaleza influenciou então a construção de uma narrativa mais voltada para as relações com a Cáritas. Em 1969, Cândido Neto recebe um convite para trabalhar no Rio de Janeiro o que representa, em sua narrativa, uma chance de escapar das sanções impostas pelo regime militar nas universidades do Ceará.<sup>12</sup> No Rio de Janeiro, torna-se presidente-executivo da instituição. A partir deste momento, para continuar a obter alguns relatos sobre outros assuntos da vida de Cândido, foram necessárias várias perguntas mais incisivas.

Para montar essa trajetória, ele minimizou e “esqueceu” diversos “fatos”. Um dos exemplos disso é o fato de que os relatos sobre sua vida familiar passam a ser muito mais breves sobre família, filhos, casamento e velhice em comparação aos que se referem à vida profissional.<sup>13</sup> Porém, poderíamos também citar que Cândido Neto resolveu apenas uma vez sobre sua experiência como professor da PUC, apenas citou que lecionava uma disciplina sobre ética ambiental e direitos humanos e, por insistência minha, comentou como era o ambiente da sala de aula.<sup>14</sup> Embora o roteiro e as entrevistas tenham oferecido perguntas sobre relações familiares na mesma proporção que as questões sobre a vida profissional, a Cáritas e a sua trajetória dentro dela ocuparam o maior espaço dentro da narrativa.

Para melhor compreender a relação entre a narrativa e a vida profissional de Cândido, é preciso tomar como pressuposto que os quadros de memória e narrativa são criados a partir da inserção em determinados grupos sociais (Bosi, 1979, p. 12-13). Por isto, a inserção dentro do grupo Igreja teve uma influência decisiva para as “estratégias” de criação dessa narrativa. Deste modo, a narrativa individual de Cândido Neto é ligada diretamente a instituição, devido a sua posição em relação a essa última.

Contudo, se formos ainda mais profundos no argumento de Bosi (1979, p. 29, grifos meus), veremos que “o passado é [...] trabalhado *qualitativamente* pelo

sujeito, sobretudo se o seu tipo for ‘elaborativo’”. Com isso, a autora quer dizer que o indivíduo, a partir de sua própria perspectiva, também possui um papel relevante na elaboração de memórias sobre eventos históricos. Nesta mesma linha de raciocínio, Arfuch (2010, p. 134) argumenta que o indivíduo possui a agência de elaborar suas próprias categorias e explorar o valor biográfico conforme deseja ao remontar certos acontecimentos de sua vida. Por último, no argumento de Portelli (2016, p. 48), a memória-monumento (aquela sustentada por determinadas instituições da sociedade como a memória real de determinados acontecimentos) está em uma relação dialética ora cooperativa ora conflitiva com a memória-privada (que é a dos indivíduos sobre esses mesmos acontecimentos).

Portanto, com base em tais argumentos, é preciso tomar a construção de narrativas e memórias como uma via de mão dupla a qual indivíduos, grupos sociais e instituições possuem papéis relevantes. Como vimos na narrativa, houve importantes modificações dentro da Cáritas e a figura de Cândido Neto e de outros importantes nomes foram cruciais para consolidar tais mudanças. Contando com um momento propício da Igreja católica no que se refere a aceitação de novas ideias e com um cargo de importância dentro da Cáritas, Cândido Neto passou a aplicar ainda mais suas ideias na instituição.

Na vinda para o Rio de Janeiro, Cândido Neto começa a desempenhar um papel ainda mais relevante como presidente-executivo da Cáritas o que lhe permitiu, em conjunto com dom Eugênio,<sup>15</sup> aplicar determinadas ideias na defesa dos direitos humanos. Um dos exemplos deste esforço conjunto é o Programa de Atendimento a Refugiados e Solicitantes de Refúgio (PARES) surge para dar refúgio aos emigrantes entendidos como “subversivos” à época. Por fim, apesar da narrativa estar marcada em função da Cáritas, também fornece meios para detectar as ações de Cândido.

### **A formação da identidade pessoal e a importância dos grupos sociais**

A identidade-*eu* é definida como uma descrição de si mesmo; para além disso, a identidade-*eu* (tal como o conceito de valor biográfico) é elaborado tendo em vista valores compartilhados gestados no meio social em que o indivíduo estava inserido (Naujorks, 2011). Até aqui vimos o quanto a identidade pessoal de Cândido Neto está conectada diretamente com a identidade coletiva da Cáritas.

Na narrativa apresentada, Cândido Neto sempre se colocou como uma pessoa que busca compreender como funcionava o mundo a sua volta e a questão da desigualdade e do sofrimento. Primeiramente, na UESP e no grêmio-estudantil, teve acesso aos primeiros livros e textos os quais, segundo ele, usou para realizar suas interpretações e “críticas” sobre “desigualdade social”, depois com seu programa na Rádio Educativa, teve a chance de compreender ainda mais o funcionamento do trabalho representado como “humanitário” e de “promoção da dignidade humana”. Ainda nessa seara, quando foi o administrador no Rio de Janeiro pôde colocar em prática algumas ideais de “justiça social” e de “valorização dos direitos humanos”.

Essas características de Cândido Neto mostram como o relato do entrevistado sobre si está conectado diretamente à Cáritas. Em termos da teoria de engajamento, isso representaria uma saliência entre a identidade pessoal e a identidade coletiva. Contudo, diferente dos casos apresentados por Naujorks (2011), a narração de Cândido Neto demonstra uma construção histórica do seu engajamento em relação à instituição. Como vimos, a Cáritas nem sempre se intitulou como defensora dos “direitos humanos”; sendo esse processo gradual e com participação de vários indivíduos que tiveram papéis importantes como Cândido.

Pode-se encontrar mais sobre nova função, nos manuais da instituição como o Amor que liberta (2003) e Cáritas na promoção da solidariedade (2005). Nestes textos, essa “luta pelos direitos humanos”, tem uma relação direta com a “missão da Cáritas” que se baseia no “amor de Deus que estabelece o amor de forma incondicional ao próximo” (Cáritas, 2005, p. 8). Esta forma de expressão de “amor” não poderia ser implementada devido a “estruturas econômicas e sociopolíticas que fortalecem a desigualdade social e mantêm vários irmãos à margem da linha da pobreza”. Deste modo, a inspiração da Cáritas é este “amor” que pode ser traduzido, para o português, como “caridade”, mas que encontra impossibilidades de ser administrado devido a obstáculos sociais concretos. No bojo de adoção da “perspectiva do amor”, é necessário então superar tais dificuldades a partir da adesão de ações que almejam superar essas “estruturas sociopolíticas e econômicas”.

Cabe-lhe testemunhar a alegria da revelação de que este amor humano é movido pelo amor de Deus, um Deus que faz morada no ser humano e se faz presente na vida e na caminhada das pessoas e dos povos. As pessoas e comunidades cristãs vivem entusiasmadas,

isto é: são movidas por Deus, que as faz apaixonadas pela vida e pela humanidade como Ele próprio. Este é o amor também conhecido como caridade – caritas. Esta missão continua essencial para o mundo atual. Nele, convivem a consciência de que a humanidade conta com todos os conhecimentos e os recursos necessários para que todas as pessoas tenham uma vida decente e a percepção de que estruturas sociopolíticas e econômicas favorecem apenas a uma minoria e impedem que bilhões de irmãos e irmãs tenham uma vida digna (Cáritas, 2005, p. 8).

A partir disso, cria-se linhas de ação para promoção da pessoa humana:

a) Defesa e promoção da vida – sociobiodiversidade. Trata-se da defesa e promoção da vida humana numa concepção de solidariedade, integrada com todos os seres criados por Deus. b) **Mística e espiritualidade ecumênica e libertadora.** Aí está o cerne da identidade da Cáritas, cuja fonte está nos valores do Reino de Deus, construído a partir e com os excluídos e excluídas da sociedade. c) Cultura de solidariedade. Criação e fortalecimento de uma cultura da solidariedade, superando o individualismo causador das injustiças sociais. d) Relações igualitárias de gênero, raça, etnia e geração. Para a Cáritas, trabalhar as relações de gênero, raça, etnia e geração significa reconhecer e valorizar as diferenças numa integração e complementação solidária. e) Protagonismo dos excluídos e excluídas. Na proposta metodológica da Cáritas, os excluídos e excluídas são os atores principais, os sujeitos da transformação, na luta pelos seus direitos. f) Projeto alternativo de sociedade solidária e sustentável. A Cáritas reconhece que o modelo de sociedade existente hoje é contra a vida. Por isso, ela participa da construção de um novo projeto de sociedade solidária que promova a vida, com dignidade (Cáritas, 2005, p. 10, grifos nossos).

Sobre o item b, os termos “mística e espiritualidade” são definidos, de acordo com a Carta de 2003, como

Começamos descobrindo que mística é a força, a motivação, a razão das escolhas, a raiz da paixão que nos leva a estar com os excluídos e excluídas e com eles e elas ter certeza, na esperança, de que um outro mundo é possível e está sendo construído: nosso espírito é tomado pelo Espírito, pelo amor livre e gratuito de Deus. E a espiritualidade tem a ver com os caminhos escolhidos e trilhados para alimentar este espírito, esta força que nos faz viver e agir em favor das outras pessoas. Podemos seguir diferentes caminhos de espiritualidade, podemos enriquecer-nos por meio do intercâmbio de espiritualidades, todas sempre permeadas por dimensões culturais e por expressões coletivas, rituais, religiosas, mas o fundamental é que a espiritualidade adotada e a abertura às riquezas presentes nas demais alimentem e aprofundem as motivações e a paixão que caracterizam a nossa mística (Cáritas, 2003, p. 3).

Tais princípios estruturam-se a partir de alguns objetivos que variam ao longo do tempo, geralmente estabelecidos de quatro em quatro anos.<sup>16</sup> Porém, existem outros objetivos que são tomados como permanentes dentro da Cáritas, tais como (Cáritas, 2005, p. 12):

(a) conscientização ativa que é uma animação constante da comunidade em solidariedade com os pobres e outros que vivem em situação de vulnerabilidade; (b) animação e articulação que é prover à comunidade de possibilidade de organização (prover o espaço, por exemplo) e promover uma formação que possa oferecer ferramentas para os indivíduos presentes nesses grupos realizarem a crítica a sua própria situação; (c) formação dos agentes que é a formação de líderes comunitários; (d) a criação de fundos solidários.

Neste instante, fica mais coerente a ligação de alguns desses objetivos com o modo de pensar de Cândido, principalmente na constante criação de uma “sensibilidade social” sobre a realidade.<sup>17</sup> Durante sua narrativa, vários episódios enfatizam a preocupação do biografado em relação às questões “sociais”.<sup>18</sup> Desse modo, Cândido Neto destaca sua preocupação com a desigualdade social; até mesmo sua indecisão entre o curso de economia e o curso de Ciências Sociais é fruto dessa ininterrupta vontade de criar uma sociedade mais justa.<sup>19</sup> Destarte, é possível ver uma semelhança entre a missão da Cáritas que, segundo a instituição, é “promover ações para transformação de estruturas sociais e políticas com intuito de diminuir desigualdades” (Cáritas, 2003, p. 14) e a narrativa de Cândido Neto que, segundo ele, é permeada por uma “sensibilidade social”.

Até aqui nos ocupamos das descrições da identidade-eu de Cândido e da identidade-coletiva da Cáritas. Historicamente, esta nova função, representada pela Cáritas e por Cândido, como “luta pelos direitos humanos” foi impulsionada durante a década de 60 do século XX. De acordo com a narrativa de Cândido, este período histórico corresponde a ascensão dele como presidente no UESP. Foi, neste cargo, que, segundo ele, pôde debater questões “sociais” e, assim, desenvolver uma “sensibilidade” para problemas como a “pobreza” e a “desigualdade social”. Esses momentos de transformação na autoimagem da Cáritas – que passa a ser uma instituição representada como “defensora dos direitos humanos” – e na autoimagem de Cândido – que passa a desenvolver uma “sensibilidade social” – ocorrem simultaneamente. Portanto, esta forma de contar a biografia evidencia uma aproximação mais forte entre indivíduo e coletivo.<sup>20</sup>

A partir dessa primeira aproximação, as narrativas de Cândido concentram-se ainda mais na Cáritas, principalmente durante o período da ditadura militar. É necessário frisar que, como vimos, tratou-se de uma etapa responsável, segundo Cândido, por gestar um ambiente de “desconfiança”. Isto, segundo ele, seria o causador pela sua migração para de Fortaleza para o Rio de Janeiro. Nos relatos sobre esta fase a Cáritas aparece como “um ponto seguro”; e, segundo ele, somente graças a ela é que foi possível dar continuidade ao seu trabalho “humanitário”. Deste modo, o posto de presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro conferiu “toda uma estrutura” para que ele continuasse a exercer essa “sensibilidade social”.

Na frase “todos os programas da, os projetos que a Cáritas fez ou está fazendo, para mim são filhos”, Cândido demonstra o quão profundo é essa relação (Neto, 2018, p. 114). Durante a sua narrativa, há uma ausência parcial de depoimentos sobre os filhos biológicos e sobre o casamento; em um dos únicos momentos que conversamos sobre sua vida privada, tive que insistir com o biografado para que contasse mais sobre estes acontecimentos de sua vida. Nesta entrevista, em específico, eu iniciei o assunto: “estava falando um pouco da sua família, do senhor em si, só que o senhor não havia comentado sobre os filhos, se o senhor não teve ou se casou e aí teve... do casamento, o senhor me falou um pouco, mas se puder me falar um pouco mais...”. Nesse momento, Cândido me respondeu com um “já falei tudo” (*Ibidem*, p. 114); por isso, tive que insistir novamente: “É... mas não quando o senhor se casou em si mas ao longo e quando teve os filhos e essas coisas, essa parte é importante”. Foi somente nesse momento que Cândido resolveu se expressar sobre sua família.

A partir disso, podemos concluir que, dentro da autonarrativa dele, a Cáritas passou para um lugar de tal importância que eclipsou determinados espaços da história que poderiam ser utilizados para descrever relações familiares, por exemplo. E, desse modo, a estratégia narrativa de Cândido associa à Cáritas às relações familiares, ao conectar os programas aos “filhos”. Mais: nesta relação familiar metafórica, Cândido, como presidente, ocuparia uma posição equivalente ao de pai, ou seja, ele teria uma função de “criar” e “prezar” por tais programas. Por fim, para além de uma simples conexão profissional, a Cáritas representa, para o biografado, algo do mesmo grau de importância que as relações familiares.

## **Conclusão**

É possível observar que as narrativas de Cândido Neto destacam sua atual posição social como presidente-executivo da Cáritas. Assim, esta fonte de pesquisa



da história de vida nos auxiliou na compreensão da relação de engajamento entre indivíduo e instituição. Queríamos compreender as formas de engajamento entre ele e a instituição. Sobre a Cáritas, o papel de Cândido Neto como membro ativo, ajudou-nos a compreender como ocorreu esse processo de transformação dessa de um órgão representado como “assistencialista” em uma instituição intitulada de “defesa dos direitos humanos” (um “braço social” da Igreja). Mais do que destacar essa trajetória de Cândido, durante esse texto, mostramos como o próprio criou sua narrativa na base de sua relação com a própria Cáritas.

Por outro lado, essa mesma narrativa também nos ofereceu pistas para entendermos a magnitude do engajamento de Cândido. Ao longo do tempo, não apenas ele, mas a própria “instituição” adotou formas, segundo eles, “críticas” de pensamento em relação ao contexto social da época. Por isso, é possível ressaltar a forma com que essas duas autodescrições (de Cândido Neto e da Cáritas) se aproximam.

### **Referências bibliográficas**

- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: Dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- ASSIS, João Marcus Figueiredo. A Diocese de Nova Iguaçu frente à chacina da Baixada Fluminense: memória e identidade. In: *Horizonte*. Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 7, n. 13, dez. de 2008. pp.69-84.
- BRASILEIRA, Cáritas. *Cáritas na promoção da solidariedade*. São Paulo: Assessoria de Comunicação do Secretariado Nacional, 2005.
- BRASILEIRA, Cáritas. *Amor que liberta: mística e espiritualidade da Cáritas brasileira*. Brasília: Assessoria de Comunicação do Secretariado Nacional, 2003.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da Fome: o dilema brasileiro: pão ou aço*. 10º ed. Rio de Janeiro: Antares, 1984.
- CEARÁ, Comissão da Verdade das Universidades Públicas do Estado do. *Relatório sobre as graves violações dos Direitos Humanos nas universidades públicas do estado do Ceará*. Fortaleza: UFC, 2014.
- CNBB. Declaração da CNBB sobre a situação nacional. In: LIMA, Luiz Gonzaga de Souza. *Evolução política dos católicos e da Igreja no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1979. pp. 147-149.
- COURY, Guilherme. Norbert Elias e a construção de grupos sociais. In: GARRIGOU, Alain; LACROIX, Barnard (Org.). *Norbert Elias: A política e a história*. São Paulo: Perspectivas, 2010. p. 123-145.
- EISENSTADT, S N. *De geração a geração*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

P. C. L. de Lima Filho – “Os projetos que a Cáritas fez ou está fazendo, pra mim, são filhos

- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- ELIAS, Norbert. *A Solidão dos Moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- ELIAS, Norbert. *O processo Civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
- ELIAS, Norbert. *Mozart: A sociologia de um gênio*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- ELIAS, Norbert. *Escritos e Ensaios vol.1: estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- FÁVERO, Osmar. MEB – Movimento de Educação de Base: primeiros tempos: 1961-1966. *Anais do V Encontro Luso-brasileiro de História da Educação*. Évora, abr. de 2004. pp.1-15.
- GARRIGOU, Alan; LACROIX, Bernard (org.). *Norbert Elias: A política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HENRY, Charles. Elementos para uma teoria da individualização; quando Mozart se achava um livre artista. In: GARRIGOU, Alain & LACROIX, Bernard (orgs.). *Norbert Elias; a política e a história*. São Paulo: Perspectiva, 2010, pp. 145-62.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MATOS, Tereza Cristina Furtado. Notas sobre o conflito e a autoimagem em Norbert Elias. In: *Política & Trabalho*. João Pessoa: UFPB, v. 1, n. 20, abr. de 2004. pp. 229-245.
- NETO, Cândido Feliciano da Ponte. *Relatos de Cândido: Anexo II*, 2018.
- JUNIOR, Antonio Mendes. *Movimento Estudantil no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *Parnaíba: educação e sociedade na Primeira República*. Dissertação (Mestrado em Educação). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2007.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *As Universidades e o Regime Militar: cultura política brasileira e modernização autoritária*. Rio de Janeiro. Zahar, 2014.
- NAUJORKS, Carlos José. *Processo identitário e engajamento: um estudo a partir do movimento de saúde do trabalhador no Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Sociologia). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- NAUJORKS, Carlos José; SILVA, Marcelo Kunrath. Correspondência identitária e engajamento militante. *Civitas*. Porto Alegre: PUC-RS, v. 16, n. 1, 2016. pp. 136-152.
- PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REGO, Junia Motta Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. Niterói: UFF, 2010 (Tese de Doutorado em História da UFF).

SILVA, Wellington Teodoro da. *O Jornal Brasil, Urgente (1963-1964)*. In: *Interações*, Belo Horizonte: PUC-Minas, v. 4, n. 6, 2009. pp. 47-62.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

---

<sup>1</sup> A teoria da individuação pensada por Charles Henry (2010) e baseada em Norbert Elias debate as correspondências entre a individualidade e a teias de interdependência nas quais o indivíduo se inscreve. Esta teoria possibilita pensar como os arranjos sociais dão sentido a determinadas características do indivíduo; para além disso, indivíduo fabricado socialmente também possui a possibilidade de afetar outros grupos sociais.

<sup>2</sup> Tal como é o caso de Cândido Neto que passou a ocupar um posto chave como presidente-executivo da Cáritas do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Usamos aspas duplas para se referir aos termos nativos. ex: “novena”.

<sup>4</sup> Pode ser encontrado na íntegra em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/December2019/rgtUzzol7BCfN8stUqD5.pdf>. Último acesso em 21/01/2020.

<sup>5</sup> Pode ser encontrado na íntegra em: <http://caritas.org.br/storage/arquivo-de-biblioteca/December2019/rgtUzzol7BCfN8stUqD5.pdf>. Último acesso em 21/01/2020.

<sup>6</sup> Para uma tese que verse sobre a participação de civis no golpe e na administração dos ditadores militares, acesse: <https://www.scielo.br/pdf/rh/n177/2316-9141-rh-177-a01717.pdf>. Último acesso em 03 de fevereiro de 2020

<sup>7</sup> Segundo Cândido Neto (2018, p. 9): “E o fato de eu trabalhar na igreja, estar comprometido, e ter uma estrutura em torno de mim, fazia que eu tivesse o comportamento adequado para o trabalho que eu fazia, e aí na verdade não era o Cândido Neto que estava fazendo ou falando, era o Cândido Neto que era o secretário executivo da Cáritas. Eu era bastante conhecido pelo fato de eu atender a 200 e tantas instituições, não lembro bem o número exato, mas creio que umas 200 instituições aqui do Rio de Janeiro, pela Cáritas

<sup>8</sup> Segundo Cândido Neto (2018, p. 85): “Meu pai sempre teve uma preocupação com a educação, com o ensino”.

<sup>9</sup> De acordo com Cândido Neto (2018, p. 87): “Numa certa idade, meu pai e minha mãe muito católicos né, família, e aí eu comecei a participar, por um acaso estava com minha mãe no dia da novena, e o padre me chamou para ajudar na celebração. Eu vi que minha mãe ficou muito contente com isso, sabe, e aí eu estou aí, padre me chamou e eu aprendi com pouco tempo responder à missa em Latim, que até hoje me lembro bons pedaços, a liturgia era toda outra, na missa o padre falava em latim, de costas pro povo, e eu aprendi com facilidade. O padre dizia que eu pronunciava bem, obviamente sabia o que estava falando, né, decorado, mas ele achava que eu pronunciava bem dentre os concorrentes, e aprendi a liturgia, os ritos, né, como fazer”.

<sup>10</sup> No momento da narrativa que Cândido Neto começa a contar sobre sua chegada na Cáritas e ingresso no ensino secundarista (Neto, 2018, p. 100), palavras como mãe e avó, por exemplo, desaparecem.

<sup>11</sup> Sobre sua vida social na UFC, Cândido Neto (2018, p. 92-93) diz: eventualmente eu era mais assim reservado, né, mas eu nunca gostei, nunca participava de atividade extraclasse que eram feitas na social. Eu nunca fui de frequentar com os meus colegas de escola, a não ser para, muita atividade social”.

<sup>12</sup> Sobre esse convite, Cândido Neto diz (2018, p. 94): “quanto o Maito falou desse assunto, rapaz! Foi uma maravilha. Eu disse ‘eu topo ir, agora você vai fazer uma carta me chamando’, por que eu tinha que justificar por que eu estava saindo”.

<sup>13</sup> Sobre a sua situação familiar, Cândido Neto resolve contar apenas brevemente sobre sua família e após insistência por parte do pesquisador (Neto, 2018, p. 108).

<sup>14</sup> Ver as referências sobre os Relatos de Cândido, 2018, p. 131.

<sup>15</sup> Dom Eugenio foi um cardeal de grande influência na política do Rio Janeiro. Dom Eugenio chegou até mesmo a ter um contato direto com membros da elite do governo militar e sua influência dentro da Igreja católica conferia a ele um *status* de membro da elite eclesiástica (Serbin, 2001)

<sup>16</sup> Apenas a título de exemplo, em 2004 à 2007, algumas filiais foram enfatizadas 4 linhas de atuação: (a) defesa e promoção da população em situação de exclusão social que incluía desde a reforma agrária até a defesa de pessoas soropositivas; (b) mobilizações cidadãs e conquista da relações democráticas; (c) desenvolvimento solidário e sustentável que se focava na economia solidária e atuação com catadores de materiais recicláveis; (d) sustentabilidade, fortalecimento e organização da Cáritas que ia de encontro ao fortalecimento da presença da Cáritas na Amazônia e capacitação de recursos. Para mais informações, ver: <[http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2011/03/cartilha-c%C3%A1ritas-na-base-%C3%BAltima-vers%C3%A3o.pdf?fbclid=IwAR3IZ27iPLK-bNQ61h5KhlJJZ7pTpSw3nnL\\_eL7tKoFDkJ0bB949OZw1WesI](http://caritas.org.br/wp-content/uploads/2011/03/cartilha-c%C3%A1ritas-na-base-%C3%BAltima-vers%C3%A3o.pdf?fbclid=IwAR3IZ27iPLK-bNQ61h5KhlJJZ7pTpSw3nnL_eL7tKoFDkJ0bB949OZw1WesI)>. Acesso em: 5 fev. 2019.

<sup>17</sup> Cândido Neto (2018, p. 91) usa esse termo quando se refere a sua ligação com as questões de cunho “social”: “você tinha uma noção ampla do panorama, das sanções daquilo que era, do eu sonhava para o futuro, né. E como eu já disse anteriormente, eu tinha muita sensibilidade social dos livros e das discussões que se tinha na época, aí eu tinha, passava na cabeça também economia”.

<sup>18</sup> Um dos exemplos mais enfáticos dessa preocupação é um episódio narrado por Cândido Neto (2018, p. 87) sobre sua juventude: “Era difícil ver as pessoas que vinham do interior do Piauí, ou Ceará, magérrimas, com fome, me chama atenção algo que até hoje eu me recordo eu tinha 10 anos de idade, mas eu tenho a visão muito inocente, de quando as pessoas vinham do Ceará para o Piauí, vieram beber água num local, no centro da cidade ou um pouco afastado, me lembro da vaca que bebeu tanta água que não conseguiu se levantar, no Igaracu, e depois um rapaz que veio trazendo, mas esse aí ficou até (inaudível) na frente, o apelidado de cearense, e era um esqueleto o garoto, a recordação dele é muito grande, e a gente discutia entre nós, porque isso né?”.

<sup>19</sup> Segundo ele: “Eu achava que eu poderia dar grande colaboração na análise econômica e nas possibilidades das pessoas mudarem de situação, haver mais, uma sociedade mais justa (Neto, 2018, p. 106).

<sup>20</sup> Vale lembrar que aos 17 anos, Cândido acumulava os cargos de presidente da Cáritas de Parnaíba e presidente da UESP. Sobre seu trabalho na UESP, ele diz (2018, p. 102-103): “A gente não entendia bem, confesso que a turma, embora a gente tivesse alguma, até mais discussão, a gente discutia porque as pessoas sofrem, né? Por que isto. Eu acho que essas situações e outras mais me fizeram crescer minha preocupação, e aí eu quero aliar isso a minha trajetória pela igreja”. Assim, o próprio Cândido realiza a conexão entre esse momento de sua vida com a Cáritas que, segundo ele, estava “saindo de uma linha muito assistencialista [...] para criar condições da pessoa se promover socialmente, economicamente” (NETO, 2018, p. 102). Portanto, a autonarrativa dele propõe uma conexão entre as mudanças da autoimagem da Cáritas com a mudança de autoimagem dele mesmo.

*Recebido em 25/05/2020*

*Aceito para publicação: 31/01/2021*